



TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO - NOVAS TECNOLOGIAS, AUDIOVISUAL E O NATIVO DIGITAL COMO MITO

Solange Straube Stecz – solange.stecz@gmail.com

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-9903-9092>

RESUMO: Neste artigo discutimos meios audiovisuais, novas tecnologias de informação e comunicação que trazem para a escola a urgência da transformação de seus métodos. Tratamos do uso frequente dos termos nativo e imigrante digital, cunhados pelo norte americano Mark Prensky como elementos que contrapõe alunos e professores. Apontamos para a necessidade de um amplo debate, sobre como a escola deve buscar mecanismos para se utilizar dos novos meios. Os quais estão presentes na sociedade, mas incipientes nos processos de aprendizagem e da transformação do papel do professor como detentor do saber e na sua relação com o aluno, que traz para a escola muita informação, mas pouca reflexão. Refletimos sobre como essas mudanças podem contribuir para a consolidação da crítica para além da divisão colocada pelo senso comum de que de um lado estão atores “iluminados” pelas novas tecnologias, os chamados nativos digitais e de outro “dinossauros”, os imigrantes digitais, distantes das transformações tecnológicas. O que representa no nosso entendimento falsa dicotomia que pode ser rompida através da formação continuada de professores e pelo seu acesso aos novos meios. Para nos contrapormos a Prensky temos como referência, entre outros Kirschner (Holanda) e Bruyckere (Bélgica). E como referência teórica para a discussão da sociedade contemporânea, Hall e Bauman.

PALAVRAS-CHAVE: nativos digitais; audiovisual; educação; acesso.

1 INTRODUÇÃO

Discutir o audiovisual na educação remete-nos a uma reflexão sobre como as transformações midiático-culturais impactam a vida dos jovens na sociedade contemporânea. E também às discussões sobre como as gerações se comportam. Entre elas está a aplicação de termos como nativos e imigrantes digitais, cujas habilidades, segundo aqueles que os utilizam podem impactar as relações de professores e alunos. Neste artigo discutimos, ainda, os meios audiovisuais, presentes na escola e seu uso por alunos da geração que, através das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), têm um acesso que escola, constituída em moldes tradicionais, ainda não se apropriou. Escola que caminha lentamente para o entendimento de que as TICs não são apenas ferramentas didáticas, mas integram um processo de interação que está na base da sociedade global. Apontamos para a necessidade de um amplo debate, sobre como a escola deve buscar mecanismos para se utilizar desses novos meios, presentes na sociedade, na vida de professores e alunos, mas incipientes nos processos de aprendizagem. E como essas mudanças

podem contribuir para a consolidação da crítica e da reflexão para além da divisão colocada pelo senso comum de que de um lado estão atores “iluminados” pelas novas tecnologias, os chamados nativos digitais e de outro “dinossauros”, os imigrantes digitais, distantes das transformações tecnológicas.

Em nosso entendimento a questão vai além desta falsa dicotomia passando pela formação continuada dos professores e por sua possibilidade de acesso aos novos meios.

Para isso o professor precisa despir-se de seu antigo papel de detentor do saber e atuar como mediador do processo de aprendizagem com um novo tipo de aluno, que traz para a escola um acesso ao conhecimento proporcionado pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Ser mediador implica em conhecer novas linguagens, considerar a experiência que o aluno traz para a escola e desenvolver estratégias para possibilitar a reflexão sobre a construção do conhecimento a partir da informação disponível nas redes sociais. Mediar é deixar de lado o papel do explicador e romper com o mito da pedagogia de um mundo dividido em:

[...] espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. O procedimento próprio do explicador consiste nesse duplo gesto inaugural: por um lado, ele decreta o começo absoluto — somente agora tem início o ato de aprender; por outro lado, ele cobre todas as coisas a serem aprendidas desse véu de ignorância que ele próprio se encarrega de retirar (RANCIÈRE, 2002, p.20).

Como o professor, a escola deve transformar seus processos educativos, baseados na palavra escrita. No entanto, há um suposto implícito de que para a escola evoluir as novas tecnologias são a solução. Mas a educação não depende exclusivamente das tecnologias e sim de metodologias que vinculem o saber dos estudantes com a educação formal oferecida pela escola. Desta perspectiva a tecnologia será útil, para o processo de aprendizagem se o professor e o estudante forem entendidos como sujeitos que interagem com os saberes de uma sociedade mediatizada. É necessário ainda superar a atitude defensiva em relação à cultura audiovisual e enfrentar o desafio de reconhecer um novo ecossistema comunicativo, no qual emerge outra cultura, com novos modos de ler, ver, pensar e aprender conforme afirma Martín-Barbero (2000).

Esse novo paradigma é transpassado pela cultura da imagem que, enquanto manifestação estética, cultural e política, reconstrói, à sua maneira, a história de homens e sociedades. As imagens e sons para ALMEIDA (1999), são vistas pelo olho humano em tensão e não somente em afirmação:

Por serem discursos em língua da realidade, trazem dela o inconcluso, a ambigüidade, a mistura, o conflito, a história. Participam da mitologia do poder político e econômico, em suas versões massificadas, populares. Também, não tão populares, participam, em diferentes graus, da mitologia futura em estética crítica, quando trazem em seu discurso o inconcluso, a ambigüidade, a mistura, o conflito, não só da história e do real, como também o conflito ideológico-estético do aparato técnico da sua linguagem: câmeras, lentes, roteiros, cenografia, planos, seqüências, edição, etc. Assim, suas imagens e sons em movimento, mesmo captadas pelo olho unívoco e objetivo da câmera, escapam, em parte, pelo olhar humano do espectador, que as vê em tensão e não somente em afirmação. O conhecimento visual cotidiano de inúmeras representações em imagens participa da educação cultural, estética e política e da educação da memória (ALMEIDA, 1999, p. 9).

2 GERAÇÕES E NATIVOS

O termo geração como referência às pessoas que sucederam a seus pais era estimado em 25 anos, porém a aceleração das mudanças no mundo contemporâneo, em especial da tecnologia “encurtaram” o tempo de uma geração para 10 anos. Pesquisadores, professores e jornalistas referem-se a pelo menos cinco gerações: tradicionalista (nascidos a partir de 1946), Baby Boomer (nascidos entre 1946 e 1960), Geração X (nascidos entre 1960 e 1980) Geração Y (nascidos entre 1980 e 2000) e Geração Z. Cada uma com características próprias, de acordo com sua época. Para LOPES (2014). a Geração X caracteriza-se pela individualidade sem a perda da convivência em grupo, pela busca da liberdade e ruptura com as gerações anteriores. Os indivíduos da Geração Y estão sempre conectados, procuram informações fáceis e imediatas, preferem computadores a livros, emails a cartas, digitar ao invés de escrever, utiliza redes de relacionamento, compartilham tudo o que é seu: dados, fotos, hábitos e buscam sempre novas tecnologias. A Geração Z, no entanto não é formada pelos filhos da geração Y e sim por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos móveis, com relacionamento social com ênfase em grupos virtuais e profundamente individualistas.

Para tratar dessa transformações e como se refletem na educação foram cunhados novos termos: “Nativo e imigrante digital”, apresentados em 2001, pelo norte-americano Marc Prensky que define crianças e jovens que nasceram a partir dos anos 1980, cresceram em uma cultura digital e desenvolveram a capacidade de usar intuitivamente ferramentas tecnológicas. Convivendo desde a infância com o universo midiático de jornais impressos à internet, estes jovens se utilizam da imagem como parte essencial de seu cotidiano. No ensaio *Nativos digitais, Imigrantes digitais*, Mark Prensky (2001)¹ afirma que a tecnologia altera a maneira como os estudantes recebem e processam

¹“Digital Natives, Digital Immigrants. Disponível em: [http://marcprenskyarchive.com/writing/The myths of the digital native and the multitaskers/](http://marcprenskyarchive.com/writing/The%20myths%20of%20the%20digital%20native%20and%20the%20multitaskers/) (Classics).

as informações e que os educadores não conseguem acompanhar as mudanças. Para ele os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o sistema educacional foi criado. Em 2009, Prensky² remodela este conceito e passa a usar a terminologia sabedoria digital, que tem como base a teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner (2000)³concluindo que pode-se definir sabedoria como a capacidade de encontrar soluções práticas, criativas, contextualmente apropriadas e emocionalmente satisfatórias para problemas humanos complicados.

Palfrey e Gasser (2011) afirmam que os alunos nascidos após 1980, tem comportamento, valores e atitudes condicionadas pelo uso de Tecnologias da Informação e Comunicação. Eles denominam pais e professores de colonizadores digitais (pessoas oriundas do mundo analógico) ou imigrantes digitais (pessoas que aprenderam usar os meios digitais já adultas) em contraponto aos nativos digitais(que passam a maior parte do tempo online e não distinguem a identidade online e a offline). No livro “Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais”. Palfrey e Gasser identificam dois tipos de identidade: pessoal e social

A identidade já foi um dia uma questão bastante direta. Imagine uma garota de 16 anos vivendo vários séculos atrás, na era agrária. Ela tinha um lar em uma aldeia remota. Tinha duas formas de identidade: uma identidade pessoal e uma identidade social. Sua identidade pessoal derivava dos atributos que a tornavam única: suas características pessoais, as coisas pelas quais ela se interessava, as atividades às quais dedicava o seu tempo. Em contraste, sua família, vizinhos e todas as outras comunidades a que ela pertencia contribuíam para a sua identidade social. Este segundo tipo de identidade, por sua vez, era moldado pela maneira como ela se mostrava para vizinhos e familiares (PALFREY; GASSER, 2011, p. 27).

Para eles a era da internet, em que estão crescendo os nativos digitais, está proporcionando outra grande mudança no que significa construir e administrar a própria identidade.

A identidade social de uma garota de 16 anos poderia ser potencialmente diferente daquela nas eras agrária ou industrial. Na era digital, sua identidade social pode ser descrita pelas pessoas com as quais ela se associa de maneiras que são visíveis para os espectadores a qualquer momento, através de conexões em redes sociais como MySpace, Facebook, Bebo ou studiVZ, ou ainda através de links em seu blog para os blogs de outros... [...] O efeito essencial da era digital – paradoxalmente – é

²Prensky, Marc (2009) "H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom," Innovate: Journal of Online Education: v. 5, n. 3. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/innovate/vol5/iss3/1>

³Gardner é professor de Educação e de Psicologia na Universidade de Harvard e de Neurologia na Universidade de Boston. Criou com Nelson Goodman um grupo de pesquisa em educação pela arte conhecido como Project Zero, projeto que pesquisa o pensamento artístico e a criatividade em arte assim como em disciplinas da área humana e científica em nível individual e institucional. Depois de duas décadas de estudos, concluiu que a mente possui múltiplas capacidades e que há mais de uma maneira de defini-las. Segundo o psicólogo “há infinitas nuances. Pablo Picasso foi um gênio da pintura, mas era péssimo aluno”. Do mesmo modo, o físico Albert Einstein tinha excepcional aptidão lógico-matemática, mas provavelmente não dispunha do mesmo pendor para outros tipos de habilidade. O mesmo pode ser dito da veia musical de Wolfgang Amadeus Mozart ou da inteligência corporal de Pelé.

diminuir a capacidade para controlar sua identidade como ela é percebida pelos outros (PALFREY; GASSER. 2011, p. 29).

Importante salientar que o conceito de identidade tem várias vertentes entre as quais destacamos os estudos sociológicos de Stuart Hall para quem as velhas identidades, que davam sustentação a um sujeito unificado estão sendo substituídas por novas, que fragmentam o indivíduo moderno. Essas transformações deslocam as estruturas e as referências das sociedades modernas e criam o sujeito pós-moderno fragmentado em várias identidades que, em alguns casos, podem ser até contraditórias (HALL, 2104 pág. 10-13). Já para Zygmunt Bauman

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. Assim, não se pode evitar que ela corte dos dois lados. Talvez possa ser conscientemente descartada (e comumente o é, por filósofos em busca de elegância lógica), mas não pode ser eliminada do pensamento, muito menos afastada da experiência humana. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado (BAUMAN, 2005, p. 83).

A reflexão de Palfrey e Gasser se conecta à afirmação de Bauman pois no mundo líquido a solidez parece frágil e em luta constante contra a fragmentação e dissolução provocadas pela velocidade do mundo contemporâneo. Da mesma forma podemos relacionar os jovens que Prensky chama de nativos digitais com a geração líquida, no conceito de Bauman. Segundo o jornalista italiano Thomas Leoncini ⁴ o sociólogo, que nunca pretendia ensinar, apenas aprender coisas novas, se transformou em millennial para falar sobre a geração do milênio.

A teoria de Prensky foi alvo de muitas contestações⁵, mas é frequentemente utilizada no meio acadêmico⁶, brasileiro como constata SOUZA (2013) em pesquisa realizada no Banco de teses da CAPES.

Entre os anos de 2009 a 2011, é possível constatar um número representativo de um total de vinte e duas dissertações de mestrado e teses de doutorado utilizando os conceitos de Nativos e Imigrantes Digitais elaborados por Marc Prensky no início do século XXI. As pesquisas utilizam a conceituação de Prensky apenas para definir Nativo e Imigrante Digital. No ano de 2009, foram publicadas, neste banco de teses, 4 (quatro) dissertações/teses que abordam tais conceitos. Já no ano 2010,

⁴Pouco antes de falecer, Zygmunt Bauman trocou intensa correspondência com um jovem jornalista italiano, Thomas Leoncini que foi publicada no livro *Nascidos em tempos líquidos: Transformações no terceiro milênio* (2018).

⁵Ver *The myths of the digital native and the multitasker* Revista *Teaching and Teacher Education* (2017) e *The digital native is a myth* / Revista *Nature* 25 July 2017. Em 2011, uma revisão bibliográfica publicada na revista *Higher Education Academy*, do Reino Unido, já concluiu que não há evidências para afirmar que existem diferenças entre os nativos digitais e as gerações passadas. O artigo enfatiza que é fato que as últimas gerações foram muito mais expostas às ferramentas digitais, mas isso não quer dizer que eles absorvam ou lidem com o conteúdo tecnológico de forma distinta de um idoso. <https://transformacaodigital.com/nativos-digitais-quem-sao-e-por-que-sao-considerados-um-mito/> 5 de abril de 2018. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁶A pesquisa teve como objetivo identificar se a conceituação de Prensky (2001) “Nativo” e “Imigrante Digital” são confirmados na realidade. Além disso, também se objetivou pesquisar se tais conceitos se tornaram comuns em pesquisas nas áreas das TICs.

o número de dissertações/teses totalizaram 11 (onze), um aumento de 275% referente ao ano anterior. Para o ano 2011, foram publicadas 7 (sete) dissertações/teses, que representa uma queda de aproximadamente 63% referente ao ano anterior. Nesses três anos analisados, obteve-se um total de 22 (vinte e dois) trabalhos publicados onde a média anual é de 7,33 trabalhos publicados no Banco de Teses da CAPES (SOUZA, 2013, p. 12).

É fato que as novas gerações naturalizaram as tecnologias digitais como espaços de comunicação e interação social. São as telas que exercem grande influência sobre crianças e jovens, que delas se apropriam como espaço de expressão de seu protagonismo. O que não quer dizer que eles absorvam ou lidem com o conteúdo tecnológico de forma distinta de um idoso.

Editorial da Revista Nature de 2017 afirma que os nativos digitais são um mito, da mesma forma que estudo da IBM Institute for Business Value (2015), denominado “Mitos, exageros e verdades desconfortáveis: A verdadeira história por trás dos Millennials⁷ no local de trabalho”⁸, analisa os jovens que estão atingindo altos cargos no mundo dos negócios. O estudo derruba o mito de que a geração Y (nativos digitais) é mais eficiente que as que a antecedem (imigrantes/colonizadores digitais). Em um estudo multigeracional de 1.784 funcionários de empresas em 12 países, incluindo o Brasil foram confrontadas preferências e padrões comportamentais dos Millennials com os da Geração X (nascido em 1960/1980) e Baby Boomers (nascido em 1946/1960). Verificou-se que os padrões se aproximam e, mesmo considerando as distinções entre gerações não se pode considerar os Millennials como um grupo superior ou privilegiado. A pesquisa da IBM está restrita ao mercado de trabalho, porém traz elementos úteis para o universo educacional, uma vez que busca entender os elementos de cada grupo geracional e os impactos causados na era digital.

Quadro 1 – Questionando os mitos ⁹

MITO	RESULTADO DA PESQUISA	VERDADES DESCONFORTÁVEIS
Mito 1: As metas e expectativas de carreira dos millennials são diferentes daquelas de gerações mais velhas.	As descobertas indicam que os Millennials têm uma carreira semelhante aspirações àquelas das gerações mais velhas. Eles querem segurança financeira e antiguidade tanto quanto Geração X e Baby Boomers, e todas as três gerações querem trabalhar com um grupo diversificado de pessoas.	O estudo também levantou algumas verdades desconfortáveis. Ao longo da pesquisa, foram identificados três elementos que se aplicam universalmente ao mundo do trabalho e que podem ser motivo de preocupação.

⁷ Os millennials, ou geração Y, são aqueles nascidos entre 1980 e 2000.

⁸ <https://www.ibm.com/downloads/cas/JV4BR4Y7>

⁹Tradução da autora

<p>Mito 2: Millennials querem aclamação constante e acreditam que todos na equipe devem receber um troféu.</p>	<p>Quando perguntados sobre qual é o chefe perfeito, millennials dizem que querem um gerente que seja ético, justo e transparente, mais do que alguém que reconheça suas conquistas.</p>	<p>Verdade Desconfortável 1 Os funcionários estão no escuro. Muitos não têm certeza de que entendem a estratégia de negócios de sua organização ou o que querem seus líderes. Mais da metade das pessoas pesquisadas não entendem seu papel na organização, ou o que seus clientes querem.</p>
<p>Mito 3A geração dos Millennials é composta de viciados digitais que desejam fazer e compartilhar tudo online, sem levar em conta limites pessoais ou profissionais.</p>	<p>As respostas demonstram que, Millennials são hábeis em interagir online, mas isso não significa que querem fazer tudo virtualmente. Por exemplo, preferem contato face a face ao aprender novas habilidades no trabalho. E os Millennials tem mais clareza dos limites entre suas redes sociais pessoal e profissional do que a Geração X ou Baby Boomers.</p>	<p>Verdade Desconfortável 2 Todas as três gerações não conseguem analisar com profundidade as necessidades de seus clientes. Ao responderem sobre a eficácia de sua organização em fatores, como a diversidade da força de trabalho e as preocupações ambientais e sociais obteve-se resultados favoráveis, com uma única grande exceção: funcionários de todas as gerações acham que sua empresa lida mal com a experiência do cliente.</p>
<p>Mito 4: Millennials, ao contrário de seus colegas mais velhos, só tomam decisões coletivas.</p>	<p>Apesar de sua reputação de realização de trabalhos, quase que exclusivamente, colaborativos os Millennials não são mais propensos do que muitos de seus colegas para ações colaborativas. É verdade que mais da metade de todos os Millennials dizem que tomam melhores decisões de negócios em grupo a partir de conhecimentos coletivos. Mas quase dois terços dos entrevistados da Geração X dizem o mesmo.</p>	<p>Verdade Desconfortável 3 Funcionários de todas as idades utilizam novas tecnologias, mas as organizações demoram a implementá-las. Cada vez mais Millennials expressam expectativas de uma revolução tecnológica no local de trabalho. Contudo, apenas 4% dos entrevistados afirmam que sua organização é ágil na implementação de novas tecnologias.</p>
<p>Mito 5: Millennials são mais propensos a mudar de empregos e um trabalho não estiver conectado com suas paixões pessoais.</p>	<p>Outra ficção. Quando os Millennials mudam de emprego, e o fazem pelas mesmas razões que a Geração X e os Baby Boomers. Mais de 40 por cento de todos os entrevistados dizem que mudariam de emprego por mais</p>	

	dinheiro E por ambiente mais inovador.	
--	-------------------------------------------	--

Figura 1 – Mitos



Fonte: IBM (2015)¹⁰

O termo nativo digital tem sido utilizado com frequência desde que foi cunhado por Prensky, no entanto não há estudos conclusivos sobre sua natureza. KISHNER e DE BRUYCKER (2017) contestam a existência de nativos digitais, afirmando que Prensky criou o termo, não a partir de pesquisas e estudos cuidadosos, mas através de observação de fenômenos e

¹⁰<https://www.ibm.com/thought-leadership/institute-business-value/report/millennialworkplace>

comportamentos e perguntam “O que realmente sabemos sobre o conhecimento e as habilidades dessa geração?”

Muitos professores, administradores educacionais e políticos acreditam na existência de criaturas do tipo yeti que povoam as escolas atuais, denominados nativos digitais e pessoas. Como no caso de muitas criaturas fictícias, embora não haja nenhuma evidência concreta apoiando sua existência, o mito do nativo digital (também chamado homo zappiens) e o mito do multitarefas são aceitos e propagados por gurus educacionais, divulgados pela mídia...e anunciados por gestores em todos os níveis. Mas enquanto o mito da existência de um yeti ou outra criatura é bastante inócua, o mito da suas variantes digitais é extremamente prejudicial para a nosso sistema educacional, nossas crianças e os processos de ensino e aprendizagem em geral (KISHNER; DE BRUYCKER, 2017, p. 136)¹¹.

Segundo KISHNER E DE BRUYCKER há uma série de consequências na aceitação do termo nativos digitais em relação à formação dos professores. A primeira delas é a armadilha de assumir que seus alunos possuem talentos e habilidades que eles não tem. A segunda é que se existem alunos eficientes no usos das tecnologias também existem professores (nascidos após 1984) que são experientes e capazes no uso da mesmas tecnologias que seus alunos. O artigo cita uma pesquisa de Jones e Shao (2011) que defende a tese de que a distância geracional entre os alunos e seus professores não é fixa e que há poucas evidências de que os jovens ingressam na universidade com demandas para novas tecnologias que os professores não tem condições de atender¹²

2.1 NOVASTECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO

Nesse contexto de transformações quase instantâneas, os professores enfrentam o desafio de conviver com as tecnologias da informação e comunicação que englobam todos os dispositivos eletrônicos (na vida pessoal e na escola) e de aplicá-las à sua prática pedagógica. É neste ponto que sua formação e forma de trabalho entram em choque com a maneira com que os alunos percebem

¹¹Many teachers, educational administrators, and politicians/ policy makers believe in the existence of yeti-like creatures populating present day schools namely digital natives and human multitaskers. As in the case of many fictional creatures, though there is no credible evidence supporting their existence, the myth of the digital native (also called homo zappiens) and the myth of the multitasker are accepted and propagated by educational gurus, closely followed and reported on by the media (both traditional mass-media, Internet sites, and social media) and dutifully parroted by educational policy makers at all levels. But while the myth of the existence of a yeti or other creature is fairly innocuous, the myth of their digital variants is extremely deleterious to our educational system, our children, and teaching/learning in general. Tradução da autora.

¹²The gap between students and their teachers is not fixed, nor is the gulf so large that it cannot be bridged. In many ways the relationship is determined by the requirements teachers place upon their students to make use of new technologies and the way teachers integrate new technologies in their courses. There is little evidence that students enter university with demands for new technologies that teachers and universities cannot meet (KIRSCHNER, P; DE BRUYCKERE, p.137) Tradução da autora.

a produção do conhecimento. Há transformação profunda no processo de ensino e de aprendizagem, que passa pelo acesso à informação e às novas formas de interação social.

Ao analisar o advento da cibercultura e seu impacto na sociedade do século XXI, Pierre Levy nos alerta: “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira” (LÉVY, 1999, p. 157).

Para TEZANI (2017) ainda há um abismo no que tange o uso das TDIC¹³ na vida social e na educação escolar: fora da escola os alunos utilizam esse universo tecnológico, ainda restrito na prática pedagógica. No artigo “Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica” TEZANI apresenta uma pesquisa com 45 alunos dos anos iniciais do ensino fundamental em Bauru/SP, considerados nativos digitais, para analisar a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica considerando a presença das TDIC na vida social e na mediação da aprendizagem desses nativos digitais.

O estudo demonstrou que a lousa era o recurso didático mais usado pelos professores na prática pedagógica, mas 100% dos entrevistados gostariam que o professor usasse mais o computador/notebook/netbook em suas aulas ou a lousa digital (citada por 84,4% dos entrevistados).

Crianças e jovens que nasceram a partir dos anos 1980, cresceram em uma cultura digital e desenvolveram a capacidade de usar intuitivamente ferramentas tecnológicas. Convivem desde a infância com o universo midiático de jornais impressos à internet e jovens se utilizam da imagem como parte essencial de seu cotidiano. É uma geração que naturalizou as tecnologias digitais como espaços de comunicação e interação social e que tem nas telas seu espaço de expressão e de protagonismo.

Estudo desenvolvido por Patrícia Coelho (2012) para pesquisas de pós-doutoramento desenvolvida na Universitat de VIC/ESPANHA apontam que audiovisuais produzidos por crianças de 8 a 12 anos de idade demonstram habilidades de realizar e desenvolver narrativas audiovisuais de curta duração com elementos altamente sofisticados, como, por exemplo, música de fundo, efeitos de visualização dos textos verbais e recursos de câmera, bem como de edição (roteiro, produção, corte e montagem) (COELHO, 2012).

Usar novas tecnologias e audiovisual exige o conhecimento e formação continuada o que ainda é insipiente na maioria das escolas públicas. Como exemplo dessa afirmação apresentamos parte dos dados de pesquisa realizada em dois cursos de formação continuada com professores da

¹³tecnologias digitais da informação e comunicação

rede básica de I de ensino do Paraná, realizados nas cidades de União da Vitória e Curitiba (PR) em 2017 com ênfase no uso da audiovisual na educação.

Em União da Vitória (PR) trabalhamos em um curso de 10 horas/aula sobre uso do audiovisual na educação, com 36 professoras, diretoras e pedagogas de 23 escolas municipais, que juntas somam 3.395 alunos, integrantes do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) municipal. O PDE é uma política pública de Estado do Paraná que estabelece o diálogo entre os professores do ensino superior e os da educação básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense. Seu objetivo é proporcionar aos professores da rede pública estadual subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento de ações educacionais sistematizadas, e que resultem em redimensionamento de sua prática. E em Curitiba com professores que participaram de Curso de Extensão Audiovisual e Educação - Formação Continuada realizada pelo Laboratório de Cinema e Educação da Universidade Estadual do Paraná¹⁴, em parceria com o Departamento de Políticas e Tecnologias Educacionais - DPTE, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. O curso de 40 horas foi desenvolvido entre agosto e dezembro de 2017 e concluído por 20 professores, oriundos de 16 Colégios que atendem 14.990 alunos em diferentes regiões da capital.

O estudo faz parte de uma pesquisa para mapear conhecimentos sobre a Lei 13.006/2014, o uso do audiovisual em sala de aula e a disponibilidade de equipamentos e de filmes para exibição nas escolas. Faz parte de um processo de diagnóstico e de formação continuada com o objetivo de ouvir e sistematizar a fala de quem, como afirmou a professora Marília Franco¹⁵, é o "chão de fábrica" das escolas. Parte das perguntas faziam referência à equipamentos, incluindo computadores e a necessidade de seu compartilhamento. 29% das escolas não possuem estrutura ou aparelhagem para exibição de audiovisual, 32% dos educadores não trabalham com audiovisual na escola. Apenas 11% das escolas possuem uma filmoteca e dessas, praticamente não existe o conhecimento sobre os títulos que a compõe. 100% dos questionários respondidos apontam a necessidade de um aperfeiçoamento para o professor trabalhar com audiovisual em sala de aula.

Os professores de União da Vitória, integram a rede municipal de ensino em 14 Centros de Educação Infantil (CMEIs), que atendem crianças de zero a cinco anos. Seus questionamentos

¹⁴LabEducine é um laboratório de pesquisa e extensão do Campus de Curitiba II/FAP da Unespar, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Unespar.

¹⁵ Marília Franco lecionou por quarenta anos na Curso de Cinema da ECA-USP. Dirigiu o corpo docente da Escuela Internacional de Cine y Televisión de San Antonio de los Baños, em Cuba, de 1989 a 1991, o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (2014-2017) do Memorial da América Latina; criou e dirigiu a TV USP (Canal Universitário SP), Em 2002 coordenou o Projeto EDUCOM.TV. Atua nas áreas de cinema e educação, artes e preservação audiovisual.

quanto ao uso do audiovisual e de novas tecnologias estão voltados ao acesso, ao treinamento e à necessidade de complementação de sua formação inicial no que se refere às novas tecnologias. Já os professores da rede estadual eram oriundos de colégios que não integravam o Projeto Conectados¹⁶, um programa de formação com ênfase na temática “Educação na Cultura Digital”, abordando o conceito de Cultura Digital e suas relações com a escola, o currículo e a sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos apresentados nesse artigo reforçam o desafio presente nas instituições de ensino, seja na qualificação para as TIC ou na produção audiovisual, da necessidade de alterar velhas práticas e incorporar transformações sociais e tecnológicas que, sem dúvida, trazem elementos perturbadores da ordem instituída. A escola necessita repensar práticas engessadas que consideram a sala de aula como espaço privilegiado de aprendizagem, pois o aluno não é mais um receptor de conhecimento, mas um sujeito ativo na sua construção.

Não se trata de separar professores e alunos, de rotulá-los como nativos ou imigrantes, mas de incorporar a tecnologia, a cultura midiática, a linguagem audiovisual para a renovação da escola. Como a arte são elementos perturbadores em espaços tradicionais e são como fermento da anarquia, que precisa ser concebido pela experiência do fazer. (BERGALA, 2008, p.30). Vivemos tempos dinâmicos, velozes em um mundo que muda com rapidez e de forma imprevisível. Com as tecnologias o ritmo é cada vez mais intenso e os jovens chegam à escola com essas referências desafiando os educadores a encontrar um novo papel, não mais para educá-los, mas para compartilhar saberes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, - Educação visual para os fins do mundo. **Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 1, n. 4, out. 2000. Disponível em: <http://www.rua.ufscar.br/educacao-visual-para-os-fins-do-mundo/>. Acesso em: 5 nov. 2014

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹⁶<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1544>. O Programa em sua primeira fase (2016) teve como objetivo a distribuição, implantação e manutenção de recursos tecnológicos em 70 escolas do estado do Paraná, ampliado para 500 estabelecimentos de ensino público estaduais em 2017 e outros 500 em 2018.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução de Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

COELHO, Patrícia Margarida Farias. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. **Texto Livre**: Linguagem e Tecnologia, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 88-95, dez. 2012 Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/2049>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

FRANCO, M. S. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9 p. 01-16, jan./jul. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora Lamparina, 2014.

JONES, C.; Shao, B. **The net generation and digital natives**: Implications for higher education. York: Higher Education Academy, 2011.

KIRSCHNER, P. A.; BRUYCKERE, P. D. The myths of the digital native and the multitasker. **Teach. Educ.**, n. 67, p. 135-142, 2017.

KOUTROPOULOS, A. Digital Natives: Ten Years After. **Journal of Online Teaching and Learning**, v. 7, n. 4, 2011. Disponível em: http://jolt.merlot.org/vol7no4/koutropoulos_1211.htm. Acesso em: 2 abr. 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Aline Moraes; GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; SILVA Marco Polo Oliveira; GALVÃO, Reinaldo Richardi Oliveira. Geração Internet: quem são e para que vieram. Um estudo de caso. **Revista CTS**, n. 26, v. 9, p. 39-54, maio. 2014.

MARTIN-BARBERO, J. Novos regimes de visibilidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, W. **Batuques, fragmentações e fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2000.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto alegre: Artmed, 2011.

PAULINO, R. A. Uma pedagogia para os meios de comunicação (entrevista com Guillermo Orozco Gómez). **Comunicação & Educação**, n. 12, p. 77-88, ago. 1998.

PRENSKY, Marc. H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom. **Innovate**: Journal of Online Education, v. 5, n. 3, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

SAVIANI, D. **Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação**: significado, controvérsias e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2014.

SERRANO, D. P. Geração X, Geração Y, Geração Z. **IFDBlog**, 2011. Disponível em: <http://www.ifd.com.br/blog/marketing/geracao-x-geracao-y-geracao-z-%E2%80%A6/>. Acesso em: 17 mar. 2019.

SOUZA, Marcos; CORREA, Vasti Gonçalves de Paula; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. **InterScience Place**, n. 24, v. 1, p. 1-25, jan./mar. 2013. doi: 10.6020/1679-9844/2401.

TEZANI, Thaís C. R. Nativos digitais e a prática pedagógica: pontos e contrapontos. Tear: **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 6, p. 1550-1565, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear>. Acesso em: 5 mar. 2019.

TEZANI, Thaís C. R. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, p. 295-307, 2017a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10955>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SITES CONSULTADOS:

http://marcprensky.com/writing/Prensky-Intro_to_From_DN_to_DW.pdf

<https://transformacaodigital.com/nativos-digitais-quem-saoe-por-que-sao-considerados-um-mito/> 5 de abril de 2018. Acesso em 18/12/2018.

<https://www.ibm.com/downloads/cas/JV4BR4Y7>

<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=5657>

Title

Transformations in education - new technologies, audiovisual and the digital native as a myth.

Abstract:

In this paper we discuss audiovisual media, new information and communication technologies that bring to school the urgency of transforming their methods. We deal with the frequent use of the terms native and digital immigrant, coined by the North American Mark Prensky as elements that opposes students and teachers. We point to the need for a broad debate about how the school should seek mechanisms to use the new means present in society but incipient in the processes of learning and transforming the role of the teacher of knowledge holder into mediator. Also, the teacher must be able to connect with the student who brings a lot of information to school, but little reflection. In addition how can these changes contribute to the consolidation of critique beyond the common-sense divide that on one side are actors "enlightened" by new technologies, so-called digital natives and on the other "dinosaurs," digital immigrants distant from the technological transformations. This represents in our understanding the false dichotomy that can be broken through the continued formation of teachers and their access to new means. To oppose Prensky we have as reference, among others Kirschner (Holland) and Bruyckere (Belgium). And as a theoretical reference for the discussion of contemporary society, Hall and Bauman.

Keywords

Digital natives; audiovisual; education; access.

Recebido em: 07/04/2019.

Aceito em: 24/04/2019.